



Apresentação

Tal como o número 57, esse último número do volume 49 da Revista Significação é publicado em tempos de instabilidade social, política, econômica e cultural mundial, uma situação que talvez possa ser entendida em alusão a processos que marcaram as primeiras décadas do século XX na Europa e que inspiraram as reflexões de Walter Benjamin, e de seus interlocutores associados à Escola de Frankfurt. Em certo sentido, estamos vivendo uma espécie de *Weimar Global*. No Brasil as tensões desses tempos se agravam no momento pré-eleitoral.

A pandemia de Covid 19 trouxe a crise ambiental para o primeiro plano, diagnóstico agravado pelas ondas de calor, de frio, inundações, aumento do nível das águas em diversas partes do globo. Nem bem a pandemia se foi - no momento que escrevo em final de julho de 2022, o Brasil mantém índices de mortalidade diária superiores a duas centenas, cifras inaceitáveis em diversas partes – a invasão Russa da Ucrânia acrescenta uma guerra na Europa oriental. Crise econômica mundial, inflação, crise de abastecimento de produtos essenciais como alimentos e gás prometem um inverno terrível no hemisfério norte.

Vivemos uma transição para sociedades às vezes definidas como pós-industriais, outras vezes como sociedades da informação. Tendências atuais apontam para uma hiper concentração econômica em imensos conglomerados especializados em alta tecnologia. A redução da força de trabalho, a instabilidade do trabalho e do sustento, o divisor transnacional entre segmentos com formação para atuar na nova economia e imensos contingentes de excluídos mantidos na ignorância, onde podem ser mais facilmente manipuláveis. A busca de identidades autênticas inventadas com critérios de pureza que lembram a invenção ariana.

Na república de Weimar, violentas disputas em torno das promessas de liberdade, igualdade e fraternidade, que a jovem república alemã prometia, se expressavam no florescimento cultural e artístico da vanguarda, que ousava, nas palavras de Andreas Huyssen, romper o divisor que separava o modernismo da cultura de massa (Huyssen, 1986). A pintura de Egon Schiele escancara o prazer na tela da alta cultura. A perversão sexual em *M: o vampiro de Dusseldorf* punida pela multidão, disposta a fazer justiça com as próprias mãos.



A vertigem do anjo azul no cenário disforme e distópico. A experimentação afetiva que legitimava a diversidade das relações de gênero. A polarização política em enfrentamentos nas ruas, assassinatos e fatalidades. Crise econômica, inflação e desemprego, o dinheiro que não tinha valor, a incerteza da subsistência.

Os movimentos gloriosos dos atletas alemães em suas vitórias olímpicas, alinhados ao movimento ordenado das massas hitleristas, simetria classicista nas coreografias que ocupam o espaço público, a ordem nos posicionamentos da multidão siderada pelo sucesso olímpico no filme de Leni Riefensthal. A voz do Führer potencializada no “wireless”, o novo meio que viria a ser conhecido como rádio.

Na Alemanha do início do século XX era possível ser alemão, estrangeiro, cigano, gay, lésbico e judeu. Na Alemanha pós 1933 o espaço foi se fechando e independente de como cada um e cada uma pensava sua existência, ela foi classificada de acordo com regras totalizantes, que buscavam uma autenticidade ancestral, comprovável através de certidões e atestados que supostamente demonstravam o pertencimento de uns e a exclusão de outros e outras.

A possibilidade de auto-identificação foi atropelada pela redefinição das normas, que deixaram a vocação democrática para legitimar a discriminação. O argumento distópico de *Medida provisória*, filme de Lázaro Ramos em cartaz, capta um possível parentesco entre o Brasil, (a Índia, a Turquia, a China, os Estados Unidos, a Hungria) de hoje, e a Alemanha do III Reich. Pretos que se consideram brasileiros a se retirar.

Observamos embates em diversas partes do mundo, entre forças fundamentalistas de configurações variadas, que avançam na destruição de estruturas resultantes de consensos consolidados no pós-guerra ocidental, e que alimentaram os chamados Estados de Bem Estar Social, estruturados na forma de democracias representativas.

Seguindo o fio do paralelo a Weimar, podemos pensar na atualidade, em diversas partes do mundo onde a liberdade está ameaçada por forças fundamentalistas, que se valem de construções identitárias nacionais, étnicas e/ou religiosas, para afirmar conceitos exclusivistas. “Nós” contra “Eles” é a estrutura comum a vários embates em curso em torno da adesão às armas de fogo como forma de “liberdade individual”, à reafirmação da condição de submissão da mulher, como mostram decisões recentes da Suprema Corte estadunidense ou a retomada de formas radicais de discriminação de gênero pelo Talibã no Afeganistão; para não falar da Turquia,



e da Índia entre outros países populosos do oriente cujas estruturas democráticas vêm sistematicamente encolhendo, as estruturas de bem estar social desmontadas, e a perseguição a minorias ampliadas.

O registro bipolar violenta a diversidade possível das relações entre cada um de nós e o mundo. Já Evans Pritchard, em sua análise clássica dos Nuer, salienta a dimensão relacional, que inclui múltiplas identificações em função de interlocuções específicas. Até que ponto o pensamento identitário persegue a ausência de ambiguidade e assim reduz as possibilidades de invenção?

De maneira semelhante às primeiras décadas do século XX, novos meios técnicos estão no centro dos acontecimentos. As redes sociais e os meios digitais são dominadas por poucas corporações que paradoxalmente centralizam o que se esperava fossem formas intrinsecamente rizomáticas, ricas em opções de caminhos não lineares e formas de organização não hierárquicas.

Redes sociais, concentradas em poucas corporações, promovem a circulação descentralizada de conteúdos em bolhas limitadas de acordo com critérios variados, definidos por algoritmos confeccionados por cada corporação de acordo com critérios de segredo de mercado.

A elaboração de algoritmos está longe da transparência, central no argumento de Jürgen Habermas em sua conceituação de esfera pública, posteriormente enriquecida por elaborações que incluíram a diversidade de gênero e raça. Como se sabe, corporações privadas controlam as redes sociais, capturam os dados das pessoas que as frequentam e os manipulam sem compartilhar dados. Segredos privativos, os dados coletados inspiram a elaboração de algoritmos que por sua vez vão definir a disponibilidade geo-socio-político-cultural de conteúdos. As ciências sociais aplicadas como instrumento de construção de bolhas.

Para além dos procedimentos de análise estatística que regem esse sistema, emoções, percepções, sensibilização do corpo e da mente por imagens e sons – as conexões estéticas da neurociência, definem as relações entre meios e interatores (Machado, 1991)

No início do século XX, Walter Benjamin falou na reprodutibilidade mecânica; no início do século XXI, estamos diante da reprodutibilidade digital, à beira da quântica. Ao longo das décadas, atualizações tecnológicas sucessivas buscaram acentuar sucessivamente o anseio de conexão sensorial imediata e à distância, para além dos limites fisiológicos do corpo humano. Como recuperar a dimensão pública da experiência com os meios técnicos em sua era digital?



O que pode a pesquisa nas áreas de comunicações e artes especialmente voltadas para formas de expressão em imagens e sons? Como as revistas acadêmicas podem contribuir para estimular pesquisas teóricas, empíricas, interpretações autorais, críticas e curadorias que problematizem a possibilidade da experiência contemporânea em torno de meios e formas audiovisuais?

Em *Cinema and Experience: Siegfried Kracauer, Walter Benjamin, and Theodor W. Adorno*, publicado postumamente, há dez anos, Miriam Hansen, nascida na Alemanha, no imediato pós-guerra, com Alexander Kluge como mentor e interlocutor privilegiado, sistematiza a contribuição de três autores associados com a Escola de Frankfurt para a crítica do cinema e dos meios técnicos. Na condição de intelectual alemã atuante nos Estados Unidos, Hansen enfatiza textos e versões menos conhecidos fora da Alemanha, acrescentando potencialidades ao pensamento dos três pensadores.

Em sua interpretação do trabalho de Walter Benjamin, Hansen faz uma espécie de arqueologia das diversas versões de “A obra de arte na era da reprodutividade técnica”, artigo que permanece referência nos estudos de cinema e audiovisual. A reconstrução fina trás à tona a noção de *enervação* (*innervation* no original, em língua inglesa), excluída da versão mais conhecida do artigo, publicada em 1939, mas central em versões anteriores.

Para Hansen, a noção de enervação - em associação com as noções de faculdade mimética e inconsciente óptico - seria indispensável para o projeto benjaminiano de construção da possibilidade da experiência na modernidade, indissociável dos então novos meios técnicos. Ao historicizar o pensamento de Benjamin, estimulada pelo cotejo das diversas versões do artigo, a autora sublinha o esforço de construção de uma crítica dos meios técnicos que vá além da interpretação negativa decadente e nostálgica, calcada na experiência da obra de arte única.

Para Benjamin, o cinema teria a função pedagógica “de treinar seres humanos sobre a percepção e atenção que um mundo crescentemente maquínico requer”. Hansen sublinha que a “espiral de anestesia e estetização, na análise de Benjamin, era estruturalmente responsável pelo sucesso do fascismo” (p. 132).¹ Mas o cinema oferecia também a possibilidade de contraposição à

¹ “the spiral of **anaesthetics** and **aestheticization** [that], in Benjamin’s analysis, was structurally accountable for the success of fascism.” Grifo meu para salientar a aproximação linguística entre as duas palavras, mais próximas no inglês, que no português. 132



alienação sensorial imposta pelo capitalismo industrial. A audiência coletiva do cinema permitiria a possibilidade de ativação da imaginação, no âmbito cognitivo, fisiológico e psicanalítico.

Em diferentes chaves, as relações sensoriais entre os meios técnicos e os seres humanos esteve no centro das preocupações de diversos autores relacionados à teoria crítica. Por outros caminhos, a ênfase no âmbito sensorial está presente também no pensamento pós-estruturalista, a partir especialmente de Gilles Deleuze e Feliz Guattari, e suas noções de imaginação, desejo e afeto. No escopo do pensamento ambientalista e antropológico contemporâneo, a crítica ao legado utilitarista da civilização ocidental dominante no Antropoceno é outra vertente contemporânea a salientar a relevância do pensamento que descentra o indivíduo e a humanidade. Repertórios de povos não ocidentais contribuem para a redefinição das relações desejadas com o ambiente.

O desafio renovado é o de imaginar futuros alternativos à retórica pré-hobbesiana e pré contrato social, que propaga o apelo ao armamento individual disseminado. A situação geográfica e multicultural brasileira pode ser privilegiada se soubermos redefinir nossa maneira de nos imaginar no mundo. Água, floresta, produção de alimentos, tolerância, diversidade, sensualidade, alegria.

A retórica armamentista está baseada em princípios opostos. Tal como manifesta na atual campanha para a presidência do Brasil, ela é genocida. Se expressa nas notícias diariamente renovadas do assassinato de pessoas negras e pobres com envolvimento decisivo de forças armadas.

A retórica armamentista é didaticamente exposta no blockbuster indiano *RRR* (Rajamouli, 2022), que atualmente polariza opiniões na plataforma Netflix. A super produção mobiliza um discurso anti-imperialista radical para promover o nacionalismo exclusivo Hindu, em detrimento de lideranças que fizeram a independência da Índia graças a uma prática pacifista e inclusiva. Gandhi e Nehru não aparecem entre os líderes históricos do país. Líderes muçulmanos também são omitidos, o que é coerente com o atual confinamento a campos de concentração de cidadãos identificados com a religião minoritária no país. O filme mobiliza elementos da mitologia e da cultura hindu para legitimar versão da história que omite qualquer referência à forma de governo. A linguagem hiperbólica do filme popular se inspira em filmes de kung-fu, renovados na linha pós Tarantino, a denúncia da ocupação estrangeira como possível terreno comum espúrio com o pensamento decolonial. Armar a população, “cada pessoa um fuzil”, a estratégia apregoada.



Diversos artigos que ora publicamos ou que entrarão em breve no ar, em regime de publicação contínua até o final desse ano, discutem de maneira pontual dimensões sensíveis dos meios audiovisuais.

A partir de abordagens e com inspirações teóricas e objetos empíricos variados, esses estudos interpretam fenômenos discretos de som e imagem na crítica e em obras audiovisuais de escopo bastante diversificado. Aspectos sensoriais da música no cinema, na *visual music*, no vídeo em 360 graus, na abertura de um filme de Hitchcock. Esses artigos são atravessados por noções como as de choque, ressonância, cognição, jornalismo experiencial e jornalismo imersivo. Objetos audiovisuais circunscritos inspiram abordagens interessadas em chamar a atenção para aspectos sensoriais do cinema e audiovisual.

Em “Amúsica em 2001: Uma odisseia no espaço e o objeto sublime do “cinema puro”, Pedro Groppo, professor da UFPB, propõe a análise do uso inovador de duas músicas clássicas, *Assim falava Zaratustra e Danúbio Azul* na ficção científica de 1968 de Stanley Kubrick. O autor retoma o artigo referência de Annette Michelson sobre o filme e se associa a conceitos cunhados por Michel Chion para pensar as especificidades dos planos sonoros no cinema, além de noções da psicanálise de Lacan sensíveis à problemática do imaginário e do simbólico.

Rebeca Torrezani Martins Hippertt, doutoranda em Ciências Sociais na UFABC, em “A transformação da percepção e o efeito de “choque” nos filmes da *Visual Music*: ressonâncias na contemporaneidade”, recorre a Walter Benjamin de “Sobre alguns temas em Baudelaire” para problematizar a *visual music* especificamente em Oskar Fischinger e John Whitney. O artigo se inspira na pesquisa Benjaminiana sobre as modificações da percepção na modernidade para pensar formas mais contemporâneas de expressão.

David Gomiero Molina é doutorando em dupla titulação na Universidade de Chicago, em Pensamento Social e Literatura Comparada. Seu artigo “Sessenta segundos de Hitchcock: *Um corpo que cai* (1958)” se inspira na noção de paratexto em Gérard Genette para analisar os créditos de abertura do filme do mestre do suspense. O artigo sugere que “por meio de simbolismo gráfico, alusões visuais e um uso preciso de música e texto, Alfred Hitchcock e seus colaboradores” compõem uma sequência de abertura que prenuncia e sintetiza a narrativa.



“Reportagem em vídeo 360º: um estudo do efeito percebido em terceiros” de Luciellen Souza Lima, doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA e Raul Ramalho, doutor em co-tutela no programa Estudos da Mídia da UFRN e no programa em Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior (Portugal), procuram avaliar, com a ajuda de questionário aplicado a estudantes de uma universidade federal, a efetividade da tomada em 360 graus como técnica do chamado jornalismo imersivo. O estudo parte da constatação sobre a insuficiência da literatura em analisar “aspectos relacionados às sensações e percepções dos espectadores”. O questionário e as hipóteses nas quais se baseia se inserem nos marcos do chamado Efeito de Terceira Pessoa (ETP).

Em “A representação da catástrofe pelo entretenimento”, Maria da Conceição da Rocha Ferreira apresenta resultados parciais de sua pesquisa de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO, UFRJ. O artigo discute memória, catástrofe e reconstituição histórica na série *Chernobyl*.

Preocupado com o refinamento do arcabouço crítico na distinção entre filme ensaio e filme experimental, duas formas presentes no cinema contemporâneo e nos estudos de cinema e audiovisual, Francisco Elinaldo Teixeira, professor associado do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Mídias da Universidade Estadual de Campinas, propõe a presença articuladora e subjetiva do ensaísta como critério diferenciador, de acordo com o qual o filme ensaio se insere no filme experimental, embora nem todo filme experimental seja ensaístico. Mais que uma preocupação taxonômica, o artigo se move no território das relações entre cinema e pensamento na formulação pós-estruturalista de Deleuze. Um apanhado sintético da emergência da noção de filme ensaio no panorama internacional dá lugar à discussão de realizações brasileiras a partir da formulação de “superantropofagia” de Hélio Oiticica em sua interlocução com os cineastas Ivan Cardoso e Neville d’Almeida. O território fragmentário, assistemático, do filme ensaio ganha a proposição de quarto domínio do cinema - ao lado de ficcional, documentário, experimental-vanguarda. Seria o filme ensaio o território por excelência da desarticulação dos efeitos de mobilização acrítica dos sentidos?

Victor Santos Vigneron de La Jousselandière, doutorando em História Social na FFLCH da USP, nos apresenta em “O atraso pede passagem: a longa espera de Paulo Emílio Salles Gomes” sua

////////////////////////////////////
interpretação sobre um conjunto de críticas de filmes nacionais escritas pelo professor nos anos de 1957 a 1959. O cuidadoso cotejo dos textos do mestre paulista realça o contraste entre sua avaliação crítica do cinema que antecedeu a explosão criativa do início dos anos 1960, e a de dois outros críticos de referência na época, Almeida Salles e Alex Viany, divididos por suas avaliações opostas dos cineastas emergentes em fins dos anos 1950, Valter Hugo Khoury e Nelson Pereira dos Santos. Ao realçar o mote da expectativa de um cinema melhor presente nos textos de Paulo Emílio, o autor faz surgir um crítico que não se deixa seduzir facilmente, mas que tampouco abre mão do cinema nacional. Seus textos “à espera” sugerem postura crítica produtiva, de cultivo de cinema potente e sensível às especificidades da vida local, projeto desejado e possível.

“Com alguma imaginação e alguns recursos, era bom ser jovem no Brasil de Juscelino e João Goulart” afirma Paulo Emílio Salles Gomes no prefácio ao primeiro livro de Jean Claude Bernardet *Brasil em tempo de cinema*, citado no artigo de La Jousselandière. O crítico sênior saúda assim a opção do mais jovem que adotara o Brasil em época de “otimismo” já ultrapassado no momento de redação do texto e publicação do livro. A passagem nos devolve ao momento atual, que ameaça encerrar um outro período de otimismo.

A longevidade de uma publicação acadêmica na área de humanidades é notável. Como se sabe, a *Significação* iniciou suas atividades em 1974, sob a égide do Prof. Eduardo Peñuela, como publicação voltada a abordagens de “problemas semióticos”. Em 2007 a revista amplia o escopo de abordagens para incorporar aproximações no âmbito da história e de estudos pós-estruturalistas, e explicita seu escopo de atuação como o da cultura audiovisual.

Em comemoração à longevidade da revista, pretendemos dedicar o número 50 a um dossiê que problematize as possíveis contribuições das publicações acadêmicas para uma área do conhecimento que é recente na vida universitária, e estratégica no mundo contemporâneo (Ver Chamada de Artigos aqui.)

A partir do volume 50, de acordo com as convenções da publicação continuada, teremos um volume anual, previsto para conter o mesmo número de laudas que os dois volumes atuais. Deixaremos apenas de especificar o número da edição no interior do mesmo volume. Em transição, o atual volume 49, número 58, continuará a ser alimentado até o final do ano com artigos atualmente em fase de finalização editorial.



Essa apresentação se refere então aos artigos que estão entrando no ar nesse momento, e será atualizada na medida em que novos artigos entrarem, até a composição final do volume. A partir do próximo volume, de número 50, inteiramente na nova dinâmica, nos limitaremos a publicar apresentações de dossiês. Esperamos agilizar o processo editorial, tornando textos acessíveis na medida em que eles são finalizados, e contribuindo assim para adensar os debates em curso na área.